

Sobre a história da educação musical

Ilza Zenker Leme Joly

Teca Alencar de Brito (1998) afirma que é importante notar que as canções, brinquedos de roda, parlendas, trava-línguas sempre foram partes fundamentais do ato de brincar, do processo de formação da criança e da cultura infantil. Mesmo que o ambiente tenha mudado em função das novas tecnologias, é possível afirmar que a música sempre esteve presente na vida das crianças e, de certa forma, no seu processo de educação.

A autora ressalta que, no Brasil, somente há pouco tempo e em proporção numérica muito pequena (considerando-se a extensão do país), a educação musical passou a ser entendida e tratada, no contexto educacional, como parte do conhecimento humano e a afinidade natural, a identificação da criança com a linguagem musical e seu conseqüente envolvimento positivo com as atividades musicais acabaram por transformá-la em suporte para a aquisição de outros conhecimentos e para a formação de hábitos e comportamentos importantes para o indivíduo adulto. Para Gainza (1964), uma nova forma de conceber as idéias pedagógico-musicais consiste em estabelecer uma ordem diferente para idéias já conhecidas. Para isso é preciso conhecer a origem e a evolução dos princípios pedagógico-musicais que caracterizam a época atual. Para a autora, a pedagogia musical tem experimentado um desenvolvimento paralelo à evolução da música.

Entre os povos primitivos, a prática do ensinamento musical estava nas mãos de músicos especialistas capazes de transmitir os segredos de seu ofício para aqueles indivíduos a quem deveriam passar o cargo. Nessas sociedades primitivas, a música ocupou sempre um lugar de destaque e era considerada um veículo importante para que a comunidade e os indivíduos pudessem manifestar seus estados de ânimo e acompanhar, por conseguinte, o trabalho, os cultos religiosos e as festividades sociais.

Nas antigas civilizações (chinesa, persa, hebraica), a música desempenhou uma função social e educativa com um grau de importância variável, ora para mais, ora para menos. Entre os gregos, a música alcançou um esplendor e uma importância inexistentes em qualquer outro povo. Entre eles houve uma clara consciência da necessidade de difundir a prática musical no seio da sociedade.

A Grécia ofereceu para a história da humanidade um exemplo de como deveria ser considerada a educação musical: a música, que era ensinada desde a infância, era considerada um fator essencial na formação dos futuros cidadãos. Ainda segundo Gainza (1964), para os gregos, a música educava e era a chave de uma filosofia pedagógica que, infelizmente, não tem se mantido viva ao longo das épocas e que, por isso, é preciso, periodicamente, ser redescoberta.

Na história da música do ocidente, foi o cristão Guido D'Arezzo [1], um monge beneditino, quem primeiro se destacou por suas virtudes pedagógicas. Foi o criador de muitos recursos para o ensino da leitura e da escrita musical, muitos dos quais são usados até hoje. Ao longo da Idade Média, a educação musical esteve a cargo de monges e era realizada dentro dos mosteiros. Mais tarde, se organizou no ambiente das grandes catedrais e, junto com a aritmética, a geometria e a astronomia, expressou o espírito religioso da época.

No Renascimento, em especial durante a Reforma, houve necessidade de popularizar o ensino da música. A criação das escolas públicas e por conseguinte a extensão dos benefícios da cultura a um número maior de indivíduos ocasionaram nova estruturação à educação musical. Os métodos de ensino de música foram revisados porque era preciso agilizar o ensino a fim de que o conhecimento e a prática musical fossem acessíveis às pessoas comuns e não somente aos músicos. Luteranos e calvinistas concordavam em planejar uma educação musical para todas as crianças e jovens como na antiga Grécia.

Na história da educação musical é possível observar ciclos que se alternam: a um período de investigação e criação pedagógica, sucede-se outro de decadência e abandono. Para Gainza (1964), na educação musical há a convergência de duas tendências opostas: o racionalismo e o sensorialismo, que dão primazia à teoria e à prática musical respectivamente. Com o transcorrer do tempo, essas tendências assumem direções extremistas que ignoram por completo tudo que foi produzido segundo uma outra tendência. Nesse sentido, racionalismo e sensorialismo puros em música conduzem a um empobrecimento que afeta profundamente o ensino: é tão nocivo ensinar teoria musical desvinculada da realidade sonora, quanto preparar os alunos para a execução vocal ou instrumental, sem relacionar essa prática com os fundamentos da arte musical.

De acordo com as pesquisas de Gainza (1964), Rousseau [2], no século XVIII, é o principal representante de uma inquietude pedagógica no campo musical. Ele compôs numerosas canções para crianças e um de seus maiores objetivos foi difundir e popularizar a educação musical. A pedagogia musical se desenvolveu na França e apareceram novas correntes racionalistas dentro do campo da educação musical. E, como reação contra o intelectualismo, tendência essa que caracterizou o racionalismo do século XIX, aparecem os métodos ativos como por exemplo o método Montessori [3], cujas raízes têm por base a linha de pedagogias sensoriais iniciadas por Komenski [4] e Rousseau e continuada por Pestalozzi (1745-1827) e Froebel (1782-1852). As idéias desses autores influenciam também o ensino da pintura, das artes plásticas, da literatura e da música, abandonando as tendências tradicionalistas.

Gainza (1964) afirma que, à medida que o círculo da educação geral e da cultura atingem um número maior de indivíduos, torna-se mais urgente a necessidade de reformular os métodos de ensino, de maneira que o conhecimento seja acessível a todas as pessoas, incluindo aquelas que não possuem habilidades especiais para a música. Os métodos tradicionais caíram em desuso quando houve tendência à popularização do ensino de música, e sem dúvida alguma, isso aconteceu porque eles eram elaborados e dirigidos para indivíduos reconhecidos como "bem dotados".

Com o avanço do conhecimento psicológico, que chegou a desvendar com profundidade a personalidade infantil, a pedagogia musical moderna encontra-se hoje em condições de permitir pesquisas em bases mais sólidas. Os pedagogos musicais recorrem a novas idéias e as colocam em prática. A maioria dos métodos de educação musical parte de uma concepção mais completa e real da criança e quase todos, reconhecendo a importância do ritmo como elemento ativo da música, dão prioridade a atividades de expressão e criação. O que se vê, diz Gainza (1964), é uma revitalização do ensino musical. Os métodos apresentam uma forma de ensinar a música, de maneira que ela, sem perder a qualidade, possa resultar numa atividade prazerosa e atrativa para a criança.

Referências Bibliográficas

BRITO, M. T. A. *Música in Referencial curricular nacional para a educação infantil Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, Vol (3) p. 45-79, 1998.*

GAINZA, V. H. de. *La iniciación musical del niño. Manuales Musicales Ricordi.*

Ricordi Americana. Buenos Aires, Argentina. 1964.

[1] Guido d'Arezzo (Guido Areutinus; c. 995-c. 1050). *Professor de música e monge beneditino italiano. Introduziu a pauta de quatro linhas ou tetragrama, e inventou o sistema de solmização, que identifica as notas escala por meio de sílabas. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1985, p.*

[2] Jean Jacques Rousseau (1712-1778): *Filósofo, escritor e publicista francês. In Gainza, V. H. La iniciación musical del niño. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1964, p. 19*

[3] Montessori, Maria. *El método de la pedagogia científica (aplicado a la educación de la infancia en las "Case de Bambini")*. Barcelona: Casa Editorial Araluce, 1918.

[4] Juan Amós Komenski (1592-1671), *chamado Comenius: destacado pedagogo e filósofo checo. In Gainza, V. H. La iniciación musical del niño. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1964, p. 19*

